

CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Cecília Araújo de Souza Gomes¹

Thiago Lemes de Oliveira²

RESUMO: A partir de uma visão integralista da educação, onde vários âmbitos - sociais, familiares, escolares - assumem seus papéis para a consolidação de conhecimentos, práticas e habilidades nos estudantes, compreende-se que todas as aprendizagens têm origem em relações interpessoais e com os saberes e linguagens do mundo ao nosso entorno, com destaque para os espaços familiares que também podem se configurar como espaços de desenvolvimento dos nossos potenciais, das nossas capacidades e da nossa intelectualidade. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo principal estudar, a partir de uma metodologia de pesquisa bibliográfica, algumas possíveis contribuições que a aproximação entre família e escola podem surtir sobre a efetividade da aprendizagem escolar, com foco nos processos de ensino-aprendizagem no ensino fundamental. Compreende-se a partir dos conceitos discutidos neste estudo que o estabelecimento de esforços conjuntos e de relações frutuosas, harmônicas e estratégicas entre as famílias e as escolas tendem a impactar positivamente a aprendizagem a partir de um acompanhamento contínuo do aluno, haja vista que a plenitude e a abrangência da aprendizagem não podem se restringir às paredes de uma sala de aula.

Palavras-chave: Família-Escola. Interação. Aprendizagem.

1. Introdução

No ano de 1979, a lendária e inesquecível Madre Teresa de Calcutá recebeu com muita honra e merecimento o famoso Prêmio Nobel da Paz como reconhecimento pela sua luta de uma vida inteira contra a pobreza e contra a desigualdade social que é um problema de toda a humanidade. Nessa ocasião, Madre Teresa deixou uma mensagem muito importante, e é justamente com essa mensagem que iniciamos o presente trabalho para que ela possa inspirar todas as reflexões vindouras e iluminar o nosso pensamento com sua magnitude de espírito e senso de coletividade. Madre Teresa foi uma mulher muito à frente de seu tempo e suas aspirações hoje em dia são mais necessárias do que nunca.

Quando Madre Teresa recebeu o Prêmio Nobel, perguntaram-lhe assim: Qual mensagem você deixa para as próximas gerações a fim de que alcancem a tão sonhada paz mundial? Ela respondeu: Voltem para seus lares e amem suas famílias. Essa espécie de

¹ Graduanda em Pedagogia (Licenciatura) pela Universidade Federal de Lavras - UFLA; e-mail: maria.gomes.1@estudante.ufla.br

² Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras - UFLA. Contato: thilemesoli@gmail.com

“retorno” às nossas origens principais constitui na visão dela um possível caminho para a construção coletiva da paz mundial, e essa noção de paz inclui: democracia, cidadania, solidariedade e defesa dos direitos humanos inalienáveis. As famílias têm um poder e uma representatividade social extremamente grandes, e as experiências e vivências associadas a elas são fundamentais para a nossa humanização. Por isso, além dessa representatividade, possuem também uma responsabilidade sem precedentes.

Com relação à essas responsabilidades, sabe-se que é na família comumente que a criança encontra sua primeira matriz de referências simbólicas e subjetivas, bem como seu primeiro contato com o mundo exterior e suas especificidades (SARAIVA & WAGNER, 2013). As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil reforçam que as integrações ou relações com as famílias, em suas mais diversas e possíveis configurações, precisam ser criadas ainda na creche ou na pré-escola, devidamente desenvolvidas e consolidadas ao longo das etapas escolares subsequentes.

O presente estudo toma como ponto de partida a perspectiva da criança e suas características de aprendizagem e desenvolvimento. Todos os espaços de cuidado, carinho e atenção - instâncias formativas - nos quais as experiências diversificadas de ensino e aprendizagem serão conduzidas devem possuir entre si uma coerência e um propósito em comum para que a criança seja estimulada ao máximo rumo à potencialização de suas capacidades intelectivas. A entrada na escola é um momento particular que amplia a rede de relações e sujeitos envolvidos na prática de educar para além do âmbito privado da família, mas sua participação continua sendo necessária e crucial.

A família, com isso, tende a exercer um papel fundamental nas etapas iniciais do desenvolvimento cognitivo infantil a ser aprimorado pela escolarização, conforme pretende-se demonstrar nas páginas que seguem. Na escola a criança experimenta outras etapas do processo de desenvolvimento, com foco na abstração e no pensamento lógico-dedutivo. De acordo com Brasil (2018, p. 58), a Base Nacional Comum Curricular - BNCC postula que:

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza.

O incremento e o amadurecimento do pensamento cognitivo não podem abrir mão de uma série de aliados, dentre os quais o amparo pedagógico e o familiar ganham destaque central. É importante evitarmos uma visão simplista que reduza a questão do êxito escolar

unicamente a uma boa sincronia entre esses dois fatores, mas também não há como negar sua grande relevância. Existem outros fatores nesse processo, que fazem da educação um fenômeno histórico e social naturalmente complexo e multifacetado. Dessa maneira, pretende-se a partir do presente trabalho tecer algumas aproximações importantes entre o seio familiar e a escolarização formal, investigando à luz da produção bibliográfica recente de que forma o estabelecimento de relações bem-sucedidas entre esses dois âmbitos (escola e família) exercem contribuições positivas para a formação e para a aprendizagem do estudante em diversos níveis de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (BRASIL, 1996) em seu art. 2º deixa bem explícita a responsabilidade da família para com a educação das crianças, ressaltando reiteradamente a importância fundamental de um convívio familiar saudável e afetivo para a formação do comportamento humano. A fomentação desse ambiente repercutirá lá na frente, para o desempenho de nossas capacidades intelectuais mais elaboradas. Tudo, no entanto, começa na base, e sem os muitos e harmônicos estímulos necessários para o progresso intelectual, tudo fica mais complicado. Constitucionalmente temos ciência de que à família cabe a responsabilidade de ser uma parceira constante da instituição de ensino onde suas crianças estão matriculadas, sendo a consolidação dessa parceria imprescindível para o progresso das crianças a fim de que se tornem cidadãos emancipados e capazes de conviver em sociedade e nela atuar ativamente. No entanto, mesmo a partir desses marcos legais, observam-se ainda nos cenários práticos educativos muitos casos de negligência e irresponsabilidade que também serão discutidos no presente estudo.

É importante deixar claro que, ao falar da participação e envolvimento da família na vida escolar das crianças, não estamos limitando-nos aos papéis genéricos de pai e mãe socialmente normalizados, haja vista que as famílias na contemporaneidade já não cabem mais nessa definição. São muitas as possibilidades de arranjos familiares que observamos ao nosso redor, e quando falamos família, estamos falando de todas as famílias, em uma compreensão mais ampla e dinâmica da realidade, compreensão esta que é imprescindível para uma prática pedagógica acolhedora, significativa e sobretudo não excludente.

Wagner, Tronco e Armani (2001, p. 31) nos ajudam a enxergar com clareza a necessidade de uma nova definição para acolher todas as famílias:

Por isso, quando nos deparamos com questionamentos do tipo: Como irei chamar o filho do padrasto que vai morar comigo? E a namorada do meu avô? Ela é da família? [...] Somos convocados a reavaliar nossos parâmetros e a pensar de onde partir, pois novos elementos ampliam o conceito de

família e desafiam o nosso olhar sobre o fenômeno. Fica evidente que ainda são deficientes algumas definições e conceitos disponíveis para contemplar os fenômenos atuais das relações familiares, desde a nomenclatura até a descrição de seu funcionamento e função. Provavelmente, a busca de novas definições que deem conta de tal diversidade e complexidade seja um dos nossos desafios mais emergentes no trabalho com as famílias.

Essa preocupação com a questão da pluralidade deve permear as práticas pedagógicas de modo a abarcar as demandas da contemporaneidade. Deve estar presente também nos estudos, conforme aqui descrito. De modo geral, pretende-se no presente estudo buscar respostas para as seguintes questões: (1) Qual o papel da família (compreendida da maneira exposta acima) no processo de ensino-aprendizagem de crianças no primeiro ano do ensino fundamental? (2) Como a participação e influência da família podem contribuir para a construção de conhecimentos que potencializem o desenvolvimento da criança? No intuito de encontrar embasamento científico para respondê-las, foi adotada uma metodologia qualitativa de levantamento bibliográfico.

O presente trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: fundamentação teórica, metodologia, desenvolvimento (discussões e resultados), considerações finais e referências bibliográficas.

Na fundamentação teórica é apresentado aos leitores todo o escopo científico com contribuições relevantes para o estudo aqui empreendido, com destaque para o pensamento de Lev Vygotsky e sua teoria do desenvolvimento através das relações interpessoais. Na metodologia apresentam-se os caminhos, métodos, ferramentas e escolhas metodológicas adotadas para responder nossa pergunta norteadora. No tópico do desenvolvimento buscou-se confrontar a literatura educacional estudada com alguns problemas de ordem prática que enfrentamos em nossa prática cotidiana enquanto professores e professoras, tecendo uma reflexão que pode ser muito útil para inspirar e contribuir efetivamente para a aproximação entre as famílias e as instituições escolares.

2. Fundamentação teórica

Para defender ou discutir uma ideia com devido rigor, é sempre preciso fundamentá-la. Aqui vamos elencar alguns dos referenciais científicos que podem nos ajudar a interpretar e compreender com uma visão mais ampla, considerando o âmbito social, cultural e histórico, as questões envolvidas na relação família-escola. Através de estudos bibliográficos recentes,

discutir-se-á neste tópico o processo de aprendizagem de crianças do primeiro ano do ensino fundamental.

Em nosso país convivemos com um grande problema em torno da percepção das famílias que precisam, antes de mais nada, se reconhecerem como aliadas das instituições escolares. Muitas vezes elas não têm essa visão integralista da educação, o que pode acarretar alguns problemas do ponto de vista da criança. De acordo com Nakano:

A principal causa da ausência dos pais na vida escolar dos filhos é o trabalho, pois este se torna o grande responsável por tirar os pais de dentro de casa e do convívio familiar, ocasionando assim um distanciamento na formação dos filhos, principalmente em sua formação escolar. (NAKANO, 2013, p. 16)

Do ponto de vista da criança, essa ausência pode não ser saudável. A ausência da família é sentida nas escolas, e é justamente em função disso que muitas escolas ultimamente têm promovido diversos meios para aumentar e consolidar essa interação de maneira efetiva, campanhas, projetos, enfim, iniciativas diversas que caminham nesse mesmo sentido da aproximação família-escola. O que se busca, geralmente nesses projetos e iniciativas que observamos ao nosso redor, é incentivar e construir na comunidade em geral a compreensão de que essa relação é benéfica e traz um ganho real e concreto também para o aluno que, ao ter o auxílio da família, poderá ter seu desempenho intelectual melhorado e desenvolver plenamente seus potenciais e habilidades (FRAGA, 2013; SARAIVA, 2013; VARANI, 2019).

Para Silva, não podemos nos esquecer da realidade concreta que vivemos, em que:

A contemporaneidade exige uma reorganização da família em função de novas relações de trabalho, que por sua vez, ocupam tanto pai como mãe e responsáveis, levando esses a ausentarem-se por um tempo considerável de seus lares. Isso provoca uma nova dinâmica familiar, de forma que pais e filhos acabam tendo tempo restrito para a convivência. Em virtude disso, as pesquisas devem levantar questões que contemplam contemporaneidade, família e escola em relação à construção do fenômeno presença-ausência familiar e suas consequências na aprendizagem escolar na infância. (SILVA, 2008, p. 12)

Diante dessa realidade contemporânea que inevitavelmente altera de maneira intensa as relações escolares, e principalmente considerando que o tempo do qual dispomos é cada vez mais escasso, sugere-se às famílias criarem estratégias para aproveitar ao máximo o tempo disponível com seus filhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento da

intelectualidade, consolidando assim uma forte parceria com a escola em torno das questões de aprendizagem. Mesmo que esse tempo seja reduzido, se aproveitado da maneira correta dentro de uma perspectiva integralizada da educação como sendo de responsabilidade da escola, das famílias e da sociedade, tende a surtir efeitos positivos para o sucesso escolar, como pretende-se mostrar ao longo dos tópicos que se seguem.

Ainda para Sampaio (2011, p. 27) “não é apenas o bom desenvolvimento cognitivo que implica uma boa aprendizagem. Fatores de ordem afetiva e social também influem de forma positiva ou negativa nesta aprendizagem”. O seio familiar, por constituir o berço de todos esses fatores de ordem afetiva, precisa promover oportunidades de interação, socialização e abstração para estimular positivamente todos os potenciais que a criança traz em sua subjetividade. Espera-se, juntamente com a condução do professor, que a família seja um segmento contínuo da escola, uma extensão do processo de escolarização que, para fazer-se efetivo, não pode renunciar aos agentes familiares para a evolução da aprendizagem.

2.1 - Processos de aprendizagem

Sabe-se que existem inúmeras, e até mesmo divergentes, teorias da aprendizagem que permeiam o âmbito da construção de conhecimento científico em torno das práticas educativas. Isso faz parte da educação enquanto processo complexo, dinâmico e subjetivo, ou seja, cada indivíduo que se propor a estudar esse fenômeno social e histórico o fará a partir de lentes específicas, com pontos de vista e pautas específicas, por isso existem tantas compreensões diferentes no que tange à educação e escolarização. Nesse cenário, o presente estudo se alinha ideologicamente com uma concepção vigotskiana da aprendizagem, através da qual se compreende que o desenvolvimento das nossas estruturas cognitivas acontece por meio das interações sociais, tanto com outras pessoas, quanto com o meio (contexto). Sem essas interações fica impossibilitada a maturação de tais estruturas (VYGOTSKY, 1997).

Mas, quais são as principais interações sociais - muitas vezes as únicas - que estabelecemos durante a infância? São justamente as relações familiares e afetivas, o que nos possibilita encontrar no pensamento de Lev Vygotsky (1896 - 1934) grandes contribuições e argumentos para a defesa da aproximação família-escola durante o processo de escolarização. Vygotsky (2001) desenvolveu e defendeu reiteradamente o conceito de interação social como peça-chave na aprendizagem, bem como a mediação como ponto nevrálgico dos processos educativos. Nessa perspectiva compreende-se a interação social - inerente à aprendizagem - como um processo através do qual o indivíduo começa a compreender as muitas

representações possíveis da sociedade, inclusive a escrita que é um constructo social e simbólico que nos apropriamos para exercer a cidadania. Em consonância a essa percepção, Coelho e Pisoni (2012), refletindo Vygotsky, ponderam que:

Vygotsky trabalha com teses dentro de suas obras nas quais são possíveis descrever como: à relação indivíduo/sociedade em que afirma que as características humanas não estão presentes desde o nascimento, nem são simplesmente resultados das pressões do meio externo. Elas são resultados das relações homem e sociedade, pois quando o homem transforma o meio na busca de atender suas necessidades básicas, ele transforma-se a si mesmo. A criança nasce apenas com as funções psicológicas elementares e a partir do aprendizado da cultura, estas funções transformam-se em funções psicológicas superiores, sendo estas o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presente. O desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro que indica, delimita e atribui significados à realidade. (COELHO e PISONI, 2012, p. 146)

O pensamento de inspiração vigotskiana nos leva a compreender, portanto, que os processos que influenciam no desenvolvimento do psiquismo humano e na maturação das estruturas cognitivas indispensáveis para a aprendizagem de habilidades e competências são sempre mediados pelo outro e pelo mundo ao nosso redor, ou seja, a cultura.

A escola, por sua vez, é idealizada então com a função social de transformar o aluno, que é um ser em construção constante, em um indivíduo emancipado e plenamente capaz de participar ativamente na sociedade e na construção de conhecimentos. A aprendizagem efetiva por meio da interação deve ser uma prioridade das escolas, o que repercute na figura do professor que, a partir dessa visão interacionista da aprendizagem, poderá privilegiar espaços potentes, criativos e coletivos de buscas por respostas ou saberes significativos, com relevância empírica e com sentido contextual. Todo conhecimento e toda aprendizagem na verdade refletem uma relação. Sobre isso para Perez (2009):

A criança, na escola, amplia seus interesses além do mundo infantil e dos objetos, estende as possibilidades de relações sociais, estabelece interações mais diversificadas com os adultos, compreende, paulatinamente, as atitudes e as várias formas de atividades humanas: trabalho, lazer, produção cultural e científica. (PEREZ, 2012, p. 10)

Tudo isso vai acontecendo no bojo das relações humanas, tendo a família um papel fundamental no preparo, suporte e acompanhamento da criança a fim de que desenvolva tudo que precisa para conseguir estabelecer boas relações, com os outros e com os conhecimentos

científicos, com a linguagem, com o mundo da escrita, com a oralidade, enfim, com todas as estruturas que compõe a nossa intelectualidade e nossa subjetividade.

A escola é um espaço muito privilegiado de interação social que deve ser aproveitado ao máximo, que o trabalho com os mais diversos componentes curriculares se sistematizam, propiciando o contato com culturas, códigos e modos de interpretar a realidade, criando ferramentas intelectivas, possibilitando a apropriação de uma diversidade de recursos, saberes e habilidades que fazem parte de uma aprendizagem significativa comprometida com a formação de cidadãos emancipados, que é o que toda sociedade necessita para evoluir em justiça social e democratização dos saberes (TASSONI, 2013).

Por mais que ensino e aprendizagem já tenham - ao longo da história - passado por muitas e notórias melhorias a serem reconhecidas, seja com o movimento Escola Nova³ que veio questionar as estruturas mais basilares da educação brasileira à sua época, seja com a garantia da universalização do ensino que foi conquistada com muito debate, a alfabetização em si ainda tem sido muito insuficiente na sociedade brasileira, constituindo um grande desafio.

2.2 - A alfabetização de crianças no Brasil

Inicia-se o presente tópico trazendo alguns desafios que ainda se colocam diante de todos nós no que tange à alfabetização e letramento em nossa educação brasileira. De acordo com Ferraro:

O primeiro desafio é focar a questão da alfabetização na ótica da relação entre público e privado [...]. O segundo desafio tem a ver tanto com a ideia em si de se definir níveis de letramento, quanto com a informação ou critério adotado para tal fim [...]. O terceiro desafio é a questão regional. Onde, no Brasil, os avanços foram mais significativos? Onde foram menos? [...]. O quarto desafio - o maior deles, talvez - refere-se à possibilidade de se avaliar o efeito das políticas e projetos que vão se sucedendo no Brasil, país marcado por uma longa história de pequenos avanços - contínuos, mas lentos e graduais - no campo da educação escolar. (FERRARO, 2011, p. 1010 - 1011)

³ A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. O escolanovismo desenvolveu-se no Brasil sob importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais. O rápido processo de urbanização e a ampliação da cultura cafeeira trouxeram o progresso industrial e econômico para o país, porém, com eles surgiram graves desordens nos aspectos políticos e sociais, ocasionando uma mudança significativa no ponto de vista intelectual brasileiro. Fonte: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/escola-nova.htm>, acesso em 09/03/21.

Destaca-se a necessidade de que as políticas públicas do setor educacional redobrem a sua atenção com o ciclo de alfabetização, considerando que essa etapa é o berço de todas as habilidades e conhecimentos vindouros. A linguagem é o nosso primeiro e principal meio pelo qual conseguimos apreender alguma prática ou conhecimento teórico.

Cabe ainda esclarecer que existe uma distinção conceitual importantíssima entre alfabetização e letramento que é sempre necessária termos em mente ao abordar tais desafios. Conforma aponta Barros:

Enquanto a alfabetização desenvolve domínio da leitura e escrita, o letramento se responsabiliza em dar ao cidadão a capacidade social de ler e escrever, ou seja, é a possibilidade que o indivíduo possui, depois de haver se familiarizado com a escrita e a leitura, de exercer e desenvolver o uso nos diversos contextos, sendo que o indivíduo letrado se relaciona de forma coesa com o processo histórico e social da leitura em contextos formais e informais. (BARROS, 2019, p. 06)

O processo de alfabetização e letramento que devem caminhar juntos nos anos iniciais do ensino fundamental tem ênfase na aquisição da leitura e da escrita como habilidades basilares, havendo com isso uma necessidade de interação entre todas as partes envolvidas, ou seja, todos os ambientes que a criança participa precisam ser estimuladores da sua linguagem, o que pode favorecer amplamente a maturação cognitiva da criança, tendo como base a participação da família no processo de alfabetização como condição positiva para o desenvolvimento (PEREZ, 2012).

A idade regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 para que a criança ingresse no ensino fundamental é de seis anos, dando início ao ensino fundamental, etapa que deve ser vista como uma continuidade da pré-escola focando no desenvolvimento integral da criança, não somente no cognitivo, mas também no social. Algumas características fundamentais para essa etapa são a consciência de direitos e deveres, autonomia, respeito, tolerância, valores sociais, noção de bem comum, mas o foco principal reside na aquisição das capacidades de ler e escrever (NEVES, 2017).

A família e a escola são as primeiras e principais instâncias simbólicas a fazerem parte da vida do aluno, cada uma com seu devido papel, devendo, portanto, caminharem juntas no propósito da alfabetização e no desenvolvimento da linguagem escrita e da oralidade, desenvolvendo as áreas cognitivas e motoras, respeitando as especificidades e o ritmo de cada criança. Na família, de certa forma, a criança é educada para a vivência em sociedade, já na escola busca complementar os valores familiares com os conteúdos

específicos de cada área do saber que são necessários para o pleno e consciente exercício da cidadania. A participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem dos filhos surge na literatura educacional como um fator importante para o rendimento escolar. “A educação escolar precisa ser contínua com a educação familiar na medida em que oferece prosseguimento à formação do indivíduo, em relação a seus valores para a vida e para o trabalho” (PEREZ, 2012, p. 04).

Sabendo que a família constitui parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem, em uma visão integralista da educação, torna-se necessário que as escolas cada vez mais promovam estratégias que busquem o aumento da participação da família no ambiente escolar com vistas à consolidação e harmonização dessa parceria colaborativa. A participação colaborativa da família ajuda o professor a criar estratégias para que se possa ter uma educação de qualidade que vai ao encontro do desenvolvimento integral infantil. Ainda para Perez (2012):

Seria importante a escola adquirir meios de estabelecer comunicação mais eficiente e equilibrada com as famílias, no sentido de discutirem dificuldades presentes na educação das crianças, buscando, de forma coletiva, encontrar estratégias adequadas para enfrentamento e incentivo à escolarização, pautadas em uma relação família-escola que considere a diversidade de características inerentes a cada instituição. (PEREZ, 2012, p. 06)

Sendo a família uma extensão da escola, ela acaba por promover uma inserção da criança no processo de aprendizagem com apoio e visando seu desenvolvimento, das particularidades de cada um com a efetiva participação dos pais nas atividades escolares dos filhos promovendo uma construção de conhecimento que potencializa o desenvolvimento da criança despertando o interesse e a curiosidade dela. Através das pesquisas estudadas nota-se que a participação e influência da família na construção de conhecimento têm papel fundamental, com isso quanto mais houver participação da família mais as habilidades das crianças se desenvolvem. No próximo tópico é apresentada a metodologia adotada para a condução do presente estudo.

3. Metodologia

Na direção de compreender melhor o papel, a participação e a influência da família no processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, o presente estudo se alinha a uma abordagem qualitativa que encontra bastante destaque especialmente

nas pesquisas das áreas da Educação. Essa abordagem foi compreendida como um processo analítico de fenômenos sociais complexos demais para resumirem-se em dados de ordem numérica. Conforme pondera Gil (2002, p. 133) é possível “definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação de relatórios”. A adoção desse tipo de abordagem caminha na contramão das metodologias de abordagem conhecidas como quantitativas, justamente por não utilizarem dados numéricos ou estatísticos ao longo das análises e problematizações da pesquisa, lançando mão de estratégias mais reflexivas e contextualizadas (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 70).

Os dados coletados, portanto, se articularam como subsídios fundamentais para a construção de possíveis respostas à questão norteadora do trabalho, ou seja, os referenciais teóricos que sustentam a defesa da aproximação família-escola durante a escolarização primária.

Com isso, compreende-se a grande relevância científica das pesquisas fundamentadas em levantamentos bibliográficos ou revisões de literatura que para Pizzani (2012)

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes. (PIZZANI, 2012, p. 54)

Diante dessas ferramentas metodológicas aqui apresentadas, pretende-se que de alguma forma elas possam contribuir para revestir nossas práticas de ensino em uma contextualização científica que é sempre necessária na perspectiva do professor-pesquisador (PESCE & ANDRÉ, 2012), mesmo que muitas vezes esteja ausente por uma série de motivos. A opção pela pesquisa bibliográfica é vista como uma aliada nesse aspecto, apresentando-se como uma escolha frutífera se utilizada em uma perspectiva dialógica, isto é, correlacionando teoria e prática, haja vista que não podemos também nos perder inundados na teoria sem nos lembrar nos desafios práticos que, enquanto professores, enfrentamos todos os dias nas salas de aula de todo o Brasil.

Este trabalho também é notadamente marcado pela pesquisa com método exploratório. Conforme aponta Selltiz (1965), encaixam-se na categorização de estudos de cunho exploratório todos aqueles que tem como preocupação nevrálgica a busca e a descoberta de propostas de melhorias, ideias, problematizações e intuições, na tentativa de adquirir maior

familiaridade com o fenômeno pesquisado que precisa ser compreendido sob muitos aspectos para uma maior abrangência do estudo. A fim de embasar teoricamente a resposta a essa questão, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, empreendida em bibliotecas virtuais, livros, revistas científicas e artigos publicadas recentemente. Por fim, mas não menos importante, apresentamos a análise interpretativista para compor a metodologia que auxiliou a responder as questões levantadas. Os estudos considerados interpretativistas abrem ricas possibilidades para a compreensão e melhoria da linguagem que se configura como um elemento constituidor e formador de toda a realidade social na qual estamos imersos, abarcando os jogos de verdades, problemas sociais, jogos de linguagem, subjetividades, ambiguidades, dúvidas, idas e vindas, multiplicidade, pluralidade, dinamismo e contextualidade (SANTANA & JUNIOR, 2020).

No tópico a seguir serão perpetradas algumas problematizações e reflexões considerando todo o referencial teórico e os desafios concretos que têm se colocado à educação e aos agentes educativos (família, escola, sociedade) na contemporaneidade.

4. Desenvolvimento

Conforme já foi possível perceber, a pergunta norteadora que veio despertar toda a discussão realizada no presente estudo gira em torno de: quais as possíveis contribuições que o estabelecimento de uma relação harmoniosa e bem estruturada entre família e escola pode exercer para a aprendizagem?

Tendo por foco o processo de ensino-aprendizagem, esse tópico foi desenvolvido em uma perspectiva mais dialógica e de integralização ou interlocução entre a teoria e a prática. Cabe destacar que as teorias com as quais esse trabalho se baliza estão atreladas aos desafios práticos e políticos que se colocam à nossa frente na contemporaneidade, entre eles a inclusão social, formação de professores, democratização do conhecimento, centralidade do papel do aluno, envolvimento da família e comunidade no projeto educacional de cada escola, adoção de metodologias (inovadoras) de aprendizagem ativas, pluralidade e diversidade, etc. Sobre a transposição de tais desafios, Rego (2010) reflete que:

Decerto, não podemos dar receitas, isto é, modos de fazer que sempre funcionam, qualquer que seja o contexto. Mas podemos e devemos oferecer técnicas de trabalho. Senão, explicamos uma pedagogia ideal para o professor “normal”, que tem alunos “normais”, em condições de trabalho que muitas vezes nem são normais e culpamos o professor, o que o leva a

pensar que é incapaz, que não sabe como enfrentar suas dificuldades.
(REGO, 2010 p. 150)

Conforme compreendemos, o incomensurável peso de toda essa responsabilidade socioeducativa, não pode recair integralmente sobre o professor, haja vista que ele não é o único agente educacional existente, apesar de ser o mais representativo. A educação é um fenômeno multifacetado por natureza, complexo e multidisciplinar. Nesse fenômeno, o professor é um sujeito insubstituível, pois ele é o elo entre o estudante e o conhecimento científico que, atrelado à família, conforme discutimos nesse trabalho, consiste na principal parceira do professor.

Particularmente nos anos iniciais do ensino fundamental o papel da família tem a sua importância redobrada. Uma relação bem estruturada entre escola e família tende a ser um fator impulsionador da aprendizagem infantil, haja vista que dentro de casa o trabalho pedagógico deve continuar. Pais, mães e demais responsáveis podem e devem estimular o raciocínio, a leitura e a escrita das crianças no cotidiano doméstico, isso irá repercutir na desenvoltura da criança dentro de sala de aula, mas ainda existem muitos desafios para que essa realidade se torne abrangente e concreta.

Quanto aos desafios, sobretudo no âmbito educacional, não podemos enfrentá-los sem um embasamento científico expressivo que nos permita vislumbrá-los em um processo histórico e social mais amplo. Entendemos que, nessa perspectiva, podemos unir teoria (estudos que o professor faz) e prática (desafios que o professor enfrenta) na construção de uma nova visão de educação que atenta às demandas contemporâneas do século XXI e, aos papéis dos muitos agentes educacionais que constituem em parceria conjunta a amálgama do ensino, professores regentes, professores de apoio, equipe pedagógica, pais e mães, especialistas, gestores, secretariados, comunidade em geral, enfim, somente com a consolidação de uma sincronia e um compromisso coletivo entre todas essas partes seremos capazes de traçar avanços importantes e necessários para a educação. Marcondes (2012) corrobora nesse sentido ao afirmar que:

Compreender as influências do contexto é muito importante para a análise das interconexões estabelecidas entre família e escola, bem como para o entendimento das singularidades de ambas as instituições, as quais são imprescindíveis ao desenvolvimento infantil. (MARCONDES, 2012 p. 93)

A família em específico constitui um dos elos mais vitais dessa corrente, como podemos perceber, por ser a primeira e principal matriz de referências com a qual temos

contato na vida. É a partir das relações familiares primárias que uma grande parte das nossas funções subjetivas e psicológicas são ativadas durante a infância e o início da adolescência.

Conforme pondera Silva (2018):

As primeiras percepções e experiências exercem grande influência durante todo o desenvolvimento do indivíduo, inclusive nos aspectos cognitivos, por isso, sendo de extrema importância a participação da família e/ou cuidadores, pois serão eles que possibilitarão maneiras do indivíduo não só experimentar, mas também de proporcionar um ambiente seguro e saudável que possibilite a criança desenvolver suas percepções e imagens corporais. (SILVA; 2018, p. 276):

Conforme interpretamos e apoiados da definição instituída e atualizada pelo dicionário Houaiss, família é o núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária. Esse significado foi atualizado para abarcar as diferentes composições e configurações de família que coexistem conosco no âmbito social na contemporaneidade (HOUAISS, 2009), e é com essa noção integralizada que esse trabalho se alinha. Foi comentado anteriormente sobre essa mudança no conceito de família, e aqui estamos retomando essa ideia com vistas à democratização dos saberes e responsabilidade social da escola de atender todos com equidade e respeitando a pluralidade que nos constitui enquanto seres humanos em constante construção.

No que se refere à família, observa-se que, de modo geral, alguns dados têm indicado que o envolvimento familiar na educação tem crescido nos últimos tempos no Brasil, porém ainda está longe de ser o ideal. Em anos recentes, pesquisas apontam um maior envolvimento da família na vida das crianças. Exemplificando, Nogueira (2013) destaca que a cooperação contínua e planejada entre essas duas esferas formativas tem sido reiteradamente estimulada por políticas públicas, projetos e iniciativas de cunho sócio educacional, não somente no Brasil, mas também em diversos países do mundo. Esse aumento, mesmo que sutil e distante do ideal, também é percebido nos anos iniciais da escolarização.

No nosso contexto nacional, um marco legal importante desse processo de ampliação da importância, da participação e da valorização familiar nas questões escolares foi o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA⁴ sancionado em 1990 que, dentre outros avanços a serem reconhecidos, veio estabelecer de uma vez por todas o direito dos pais ou responsáveis em ter ciência de todos os meandros do processo pedagógico, direito de propor

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm, acesso em 11/03/21.

sugestões e participar ativamente da escola, bem como de se incluir na definição das propostas educacionais (BRASIL, 1990). Desde então temos observado muitos outros avanços legais em torno dessa aproximação escola-família. Nota-se que ela vai se revelando cada vez mais necessária, principalmente a partir das demandas da contemporaneidade em que nos vemos imersos que muitas vezes tem exigido de nós uma nova postura e uma nova visão acerca da educação.

Nessa direção, em uma perspectiva integralista da Educação, Varani (2019) afirma que sua efetivação enquanto garantia, é um dever tanto da família quanto da escola. Ambas devem se integrar para proteger os direitos da criança nas questões referentes à aprendizagem, dando-lhes suporte e respaldo para o pleno desenvolvimento da aprendizagem e para a democratização dos conhecimentos e práticas curriculares. No entanto, mesmo com todos os incentivos legais, políticos e sociais incrementados nesse aspecto nas últimas décadas, basta um mínimo de contato prático com os ambientes escolares, sobretudo públicos, para percebermos que muitos pais e mães sequer sabem em qual série seu filho está matriculado, ou seja, o problema tem raízes bem mais profundas. Esta é uma realidade que ainda demanda atenção em nossa sociedade brasileira.

São muitos os casos de negligência e abandono escolar (total ou parcial) por parte dos núcleos familiares para com seus filhos, o que compromete seriamente a eficácia do ensino que não pode abrir mão dessa relação e dessa parceria bem consolidada a partir dos princípios da ética profissional, da plena democratização dos saberes e da cidadania. Quando uma criança vive em um contexto familiar que não privilegia o pensamento, a linguagem e o desenvolvimento do raciocínio abstrato, se relacionando, em uma situação indesejada, com experiências de falta de incentivo, apego excessivo, representações deturpadas da realidade, instabilidade afetiva, traumas de origem familiar, negligência familiar, falta de estabilidade e foco, todas essas condições podem, neste período em particular da nossa existência humana, a infância, desencadear ou despertar fatores de risco para alterações psicológicas de diversas ordens, atingindo inevitavelmente a aprendizagem e o aprimoramento de habilidades intelectuais, dentre outras (MARTURANO & ELIAS, 2016).

A partir dessas conjecturas, concordamos que uma maior participação das famílias na vida escolar de seus filhos pode exercer um impacto positivo diretamente na aprendizagem, haja vista que essa participação efetiva pressupõe um acompanhamento mais próximo, diário e comprometido desenvolvido no seio da família em consonância com o que o professor está trabalhando em sala de aula de forma contextualizada e progressiva. Esse trabalho contínuo, estratégico, harmônico e planejado tem potencial para ajudar muito na aprendizagem e no

desenvolvimento de habilidades, e essa parceria volta a nos remeter à questão da visão integralista da educação, plural e multifacetada, com a qual o presente estudo se alinha ideologicamente.

Diante desse cenário, seria irrelevante tentar afirmar categoricamente que as famílias não se aproximam da escola por esse ou aquele motivo, ou assumem a negligência afetiva como uma prática por conta disso ou daquilo, pois as respostas na área da educação, em uma perspectiva qualitativa também presente neste trabalho, raramente são tão diretivas. Mas há que se pensar em mais uma problematização prática que faz parte dessa discussão, que na verdade é uma questão de inclusão: estariam as nossas escolas abertas às famílias em suas mais variadas composições contemporâneas e aptas a lidar com elas a partir da diversidade que hoje em dia já não podemos mais negar? A diversidade constitui parte integrante da contemporaneidade. Diversidade de saberes, de práticas, de pessoas, de condutas, de experiências, e de famílias.

É visível na prática cotidiana que as famílias e suas composições têm passado por uma série de alterações significativas, seja em sua estrutura ou em sua organização interna, em seus pressupostos, bases e projetos futuros. O modelo de “família nuclear”, composto por pai, mãe e filhos, há muito tempo deixou de ser suficiente para abarcar a complexidade dos sujeitos por conta de transformações sociais e culturais intensas, mudanças de paradigmas que têm ocorrido de maneira bastante ampla em muitos contextos (PEREZ, 2009). No entanto, é manifesto também que muitas vezes as escolas continuam baseando suas filosofias e práticas nesse modelo de família ultrapassado com um apego muito grande, e esse não é o seu papel. O papel constitucional da escola é acolher a pluralidade, e não a renegar. Esse apego a esse modelo ineficaz, em última análise, atua no fortalecimento de antigos preconceitos e na manutenção de práticas de segregação social das quais precisamos nos desvencilhar com urgência para a plena democratização dos conhecimentos curriculares e para a construção de uma relação cada vez mais exitosa entre as escolas e as famílias.

Diante disso, a relação família-escola precisa ser estimulada. Sem esse estímulo corre-se um grande risco de abandono escolar. Conforme sugere Polido:

É extremamente importante que as escolas abram mais espaços de participação. A relação entre família e escola ainda é uma relação difícil, com opiniões diferenciadas e, vemos que os espaços destinados a participação são poucos e se repetem. Portanto, é necessário que a escola se abra através de outros meios de aproximação com essa família, conscientizando-a sobre sua fundamental participação e possibilitando meios

para que essa família de fato vivencie o cotidiano escolar. (POLIDO, 2017, p. 78)

Com isso, após refletir sobre as questões apresentadas nesta seção, respondendo à segunda questão de pesquisa sobre como a participação e influência da família podem contribuir para a construção de conhecimentos que potencializam o desenvolvimento através do processo ensino-aprendizagem, podemos ressaltar que as principais contribuições são: o estabelecimento de uma rotina de estudos para além das quatro paredes da sala de aula, visão integralista da educação, maximização das possibilidades de acesso ao conhecimento, apoio da família em consonância com a escola, e por aí vai.

5. Considerações finais

Refletir sobre a família e suas relações com a escola é uma ação relevante na contemporaneidade. O presente trabalho teve como objetivo principal a construção de uma reflexão sobre a participação da família na escolarização e os reflexos de suas influências no desempenho escolar. Enfatiza-se na contemporaneidade a necessidade cada vez mais crescente de que as famílias e as escolas estreitem seus laços e caminhem juntas para que a criança possa ter uma aprendizagem sequencial, compreendendo o seio familiar como uma extensão da sala de aula.

Uma vez que a família é a primeira - e principal - matriz de referências e sentidos da qual a criança participa desde o nascimento, cabe a ela introduzir progressivamente os símbolos, cidadania, pensamentos abstratos e regras de convivência ao longo da primeira infância, mas o trabalho não acaba por aí. Na idade escolar essa atenção deve ser redobrada. Ao longo do estudo aqui empreendido foi possível discutir alguns referenciais teóricos muito importantes que sustentam essa ideia e os benefícios de uma parceria eficaz entre todas as instâncias envolvidas na aprendizagem, corroborando para uma ascendente valorização e reconhecimento do papel e da importância do apoio familiar para a concretização de aprendizagens significativas e bem-sucedidas, sendo esse papel de grande relevância no momento no qual passamos da pandemia da Covid 19 onde o apoio familiar foi de grande contribuição no processo ensino-aprendizagem.

Por fim, retomando a nossa questão norteadora: quais as possíveis contribuições que o estabelecimento de uma relação harmoniosa e bem estruturada entre família e escola pode exercer para a aprendizagem? Diante de todo o exposto, e compreendendo a complexidade naturalmente inerente aos processos educativos, é possível notar que as contribuições dessa

relação poderão ser observadas no aproveitamento da criança que, estimulada não somente na sala de aula, mas também pelos próprios familiares, poderá ter as suas capacidades mais exercitadas e maximizadas para um pleno desenvolvimento dentro de suas especificidades. Educação não se resume a um único fator, trata-se de um conjunto de fatores: escola, família, sociedade, instituições, projetos, etc. A educação possivelmente terá êxito se todos esses elementos trabalharem juntos com um propósito bem definido em comum, e a família nesse processo constitui um dos pilares com grande relevância.

Enquanto futura pedagoga, cabe dizer também que foram ricas e relevantes as contribuições de todo o processo da pesquisa para a aprendizagem e para a prática profissional da atuação docente que é permeada por uma série de empecilhos. A experiência de pesquisar ajuda a nos preparar para o enfrentamento da realidade escolar, a fim de inovar e fazer a diferença com metodologias mais ativas voltadas para a aprendizagem significativa e para a democratização dos saberes curriculares. Espera-se também que esta pesquisa possa ser um mecanismo de agregação de conhecimento científico, tornando-se assim uma ferramenta de estudos relevante para a comunidade acadêmica de modo geral.

Link para vídeo de apresentação disponível em < <https://youtu.be/XbLMo73aUJ8> >

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Lei no 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1990.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BARROS, M. S. Alfabetização e letramentos. **Revista Desempenho**, Brasília, nº 31, v. 2, p. 01 - 13, 2019.

COELHO, L. PISANI, S. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. Revista E-Ped - Facos/CNEC Osório, vol. 2, n. 1, p. 144 - 152, 2012.

FERRARO, A. R. A trajetória das taxas de alfabetização no Brasil nas décadas de 1990 e 2000. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 989 - 1013, 2011.

FRAGA, F. R [publi. online]. **A participação dos pais no processo de escolarização dos filhos**, 2013. Disponível em: <http://psicologado.com/atuacao/psicologiaescolar/a-participacao-dos-pais-no-processo-de-escolarizacao-dos-filhos>, acesso em 15/12/20.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARCONDES, K. H. B.; SIGOLO, S. R. L. Comunicação e Envolvimento: Possibilidades de Interconexões entre Família-Escola. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 51, p. 91 - 99, 2012.

MARTURANO, E. M.; ELIAS, L. C. S. Família, dificuldades no aprendizado e problemas de comportamento em escolares. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 59, p. 123 - 139, 2016.

NAKANO, J. M. Z. **A percepção dos professores quanto a participação e ausência da família na vida escolar das crianças**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Coordenação Pedagógica, Universidade de Brasília, 2013.

NEVES, V. F. A. Infância e Escolarização: a inserção das crianças no ensino fundamental. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 345 - 369, 2017.

NOGUEIRA, M. A. A Categoria "Família"; na Pesquisa em Sociologia da Educação: Notas Preliminares Sobre um Processo de Desenvolvimento. **Revista Inter-Legere**, Lagoa Nova, v. 1, n. 9, 2013.

PEREZ, M. C. A. **A relação família-escola: A escolarização das crianças das camadas populares**. In: PINHO, S. Z. (Org). Formação de educadores: O papel do educador e sua formação, p. 383 - 396. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. Infância e escolarização: discutindo a relação família escola e as especificidades da infância na escola. **Práxis Educacional**, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, v. 8, n. 12, p. 02 - 37, 2012.

PESCE, M. K.; ANDRÉ, M. E. D. Formação do professor pesquisador na perspectiva do professor formador. **Formação Docente - Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 39 - 50, 2012.

PIZZANI, L. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 53 - 66, 2012.

POLIDO, C. **Relação família-escola: (im)possibilidades de aproximação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017.

REGO, T. C. Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador - Entrevista com Bernard Charlot. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 147 - 161, 2010.

SAMPAIO, S. **Dificuldades de Aprendizagem: A psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2011.

SANTANA, W. K.; JUNIOR, S. N. J. **Compreensão responsiva ativa e autonomia relativa do sujeito no ensino e na aprendizagem da escrita: uma análise interpretativista.** Work. Pap. Linguística, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 30 - 45, 2020.

SARAIVA, L. A.; WAGNER, A. A Relação Família-Escola sob a ótica de Professores e Pais de crianças que frequentam o Ensino Fundamental. **Periódicos Ensaios: avaliações de políticas públicas educativas**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 81, p. 739 - 772, 2013.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais.** São Paulo: Herder, 1965.

SILVA, J. N. **Contemporaneidade, família e escola: a construção do fenômeno presença-ausência familiar na aprendizagem escolar na infância.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia). Universidade do Vale do Itajaí, 2008.

SILVA, A. K. L. O impacto da negligência familiar no desenvolvimento infantil. **GEP NEWS**, Maceió, v. 1, n. 1, p. 274 - 279, 2018.

TASSONI, E. C. M.; LEITE, S. A. S. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. **Periódicos Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 262 - 271, 2013.

VARANI, A.; SILVA, D. C. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 229, p. 511 - 527, 2019.

VYGOTSKY, L. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** 3ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WAGNER, A.; TRONCO, C.; ARMANI, A. Os desafios da família contemporânea. **Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e Reflexões**, p. 19 - 35, 2011.